

Mudança nos republicanos

por Mário Soares

1. Depois do choque psicológico e do excepcional êxito político da Convenção Democrática, que uniu o partido e impressionou profundamente milhões de americanos, esperava-se o contra-ataque da Convenção Republicana, reunida em St. Paul, no Minnesota. O que se chamou a "tempestade do século", o furacão Gustav, não fez os estragos que se temiam - com a memória ainda fresca da tragédia do Katrina, em New Orleans e noutras cidades - mas atrapalhou bastante a festa da Convenção Republicana. É certo que forneceu o pretexto para a ausência do presidente George W. Bush, no ponto mais baixo da sua impopularidade, cuja presença era vista como perigosa, ainda por cima com a lembrança do Katrina, uma das grandes manifestações de incapacidade da sua administração

McCain, cuja estratégia eleitoral da sua campanha consistiu, até então, em distanciar-se de Bush, surpreendentemente, mudou de linha política, ao convidar, para sua Vice-Presidente a quase desconhecida e ultra-conservadora governadora do Alaska, Sarah Palin. Por ser mulher? Por ser antiga miss e actual governadora no Alaska, embora quase desconhecida na América? A verdade é que ela produziu um discurso, inesperadamente electrizante, que contrastou e deixou em segundo plano o de McCain, descabido, confuso e pouco convincente. A senhora Palin, com as suas palavras, ultrapassou pela direita radical, as posições desastrosas de Bush e de Cheney. Um discurso que, embora muito aplaudido na Convenção, fará mais estragos, no eleitorado americano, do que se imaginava pudesse criar o Gustav. Ela foi o verdadeiro furacão que abalou a Convenção, mas irá afastar, seguramente, muito do eleitorado moderado e flutuante, republicano ou independente, que McCain tentava captar...

Realmente a Senhora Palin, - cuja relativa juventude contrasta com os 72 anos que acaba de festejar McCain - tem ideias dificilmente aceitáveis pelo eleitorado moderado (mesmo republicano) que tem vindo a afastar-se de Bush. É uma neo-con radical. Reclama mais armas, mais política de força, intensificação das guerras, mais pena de morte, mais petróleo, sem a mínima preocupação com a defesa do Planeta ameaçado. É religiosa fanática, contra o aborto, contra os gays, criacionista, subscreve os desvarios anti-científicos contra a teoria da evolução, unilateralista, está convencida que a América, com a bênção de Deus, poderá governar o Mundo. Ignora as crises, o desemprego, o deficit astronómico e quanto a política externa, zero. Quer dizer, se fosse eleita, a América teria mais quatro anos do mesmo ... ou pior. Um pesadelo e um desastre para o Ocidente - nomeadamente para a União Europeia - e para o Mundo.

2. As eleições em Angola, infelizmente, não correram bem. Como temia. Não havia ao que parece, cadernos eleitorais em muitas secções e a própria organização do acto eleitoral, pelo menos em Luanda, foi um desastre: atrasou na abertura da secções de voto, que não abriram a tempo, muitos eleitores não puderam votar, a Comissão Eleitoral teve de prolongar por mais um dia, à

pressa, as votações. Pelo menos três Partidos da Oposição protestaram. E a Unita e a FNLA pediram a impugnação e repetição do voto em Luanda. Observadores europeus, presididos pela deputada europeia italiana Luísa Morgantini, quando escrevo ainda não tornaram público o seu relatório, mas já disseram à Reuters, que "houve ilegalidades".

Curiosamente, muitos angolanos, uma vez que não havia cadernos eleitorais, "votaram onde calhou", disse um angolano. Mas como pessoas de boa vontade, esperaram horas para votar, pacificamente e interessadas. O que foi um sinal positivo, ao cabo de 16 anos sem eleições. Contudo, as eleições, que deram obviamente uma vitória esmagadora ao MPLA, são contestáveis, segundo os critérios internacionais.

O escritor angolano, que tanto aprecio, José Eduardo Agualusa, sublinhou, com bom senso: "que a paz venceu". É verdade e é importante. Não houve incidentes de violência e os angolanos, apesar de silenciosos, antes, durante e depois do acto eleitoral prolongado, mostraram que queriam mesmo votar. É um bom sintoma. Mas, nem por isso, apesar da propaganda governamental, as eleições deixaram de representar uma frustração colectiva e uma ocasião perdida, num momento internacional em que Angola – finalmente em paz – era tempo de se afirmar como uma grande potência africana, tanto no plano político e económico como moral.

3. Conheço mal Paulo Pedroso. Mas tenho por ele – e pelo que dele sei, por amigos comuns – uma imensa consideração e simpatia. Sempre acreditei na sua inocência. Como, aliás, sempre repudiei, no meu foro íntimo e publicamente, as acusações, que fizeram a Eduardo Ferro Rodrigues, de quem sou amigo e admirador, desde há longos anos, como do seu pai, meu companheiro desde o MUD Juvenil.

Considero o infundável processo da Casa Pia uma imensa trapalhada, que não prestigia a Justiça portuguesa, nem o Ministério Público ou a Polícia Judiciária que o instruíram. Mas, obviamente, não conheço o processo. E só dele sei o que tem sido divulgado, por vezes contraditoriamente, pela imprensa escrita e falada. A questão do complot, contra as cúpulas do Partido Socialista, tantas vezes levantada, no processo, também sempre a considere – e considero – pertinente. Por isso, entendo que deve ser averiguada e esclarecida, até ao fim, nos planos jurídico, político e moral. É obrigação do Estado de Direito fazê-lo.

Dito isto, não escondo que fiquei muito satisfeito com a corajosa sentença da Juíza Amélia Loupo, que condenou o Estado a pagar a Paulo Pedroso uma indemnização pelo "erro grosseiro" cometido pelo Juiz Rui Teixeira ao condenar Paulo Pedroso a "prisão preventiva" e ainda pior: lançando uma suspeita pública sobre a sua pseudo-culpabilidade, que só agora – cinco anos depois – se dissipa.

Honro-me, por isso, de ter sido testemunha de Pedroso no processo que lhe deu razão. Mas como disse, o seu advogado, Celso Cruzeiro, "há ainda muitas coisas a esclarecer". Pois que se esclareçam, quanto mais cedo melhor. Felicito ainda Paulo Pedroso por ter resolvido voltar a ocupar o seu lugar na Assembleia da República, apesar do recurso interposto pelo Ministério Público. Quem não deve não teme.

4. António Lobo Antunes, que tanto admiro, como escritor, cronista e como pessoa humana, vai ser justamente condecorado, pelo Governo francês, com a insígnia de Comendador da Ordem das Artes e das Letras, só atribuída a personalidades de reconhecida cultura e criatividade “por méritos excepcionais”. A sua vasta obra literária, que se encontra traduzida em várias línguas, é conhecida e muito apreciada em França, terra de cultura e das boas letras. Posso testemunhá-lo.

Claro que os prémios e condecorações só interessam, muito relativamente, aos grandes escritores, como Lobo Antunes. Mas, no seu caso, tão conhecido e admirado no estrangeiro, não tem sido em Portugal tão acarinhado como merecia. Quando receber um dia o Prémio Nobel – como espero – talvez os portugueses, enfim, compreendam e festejem os altos méritos do seu compatriota. É sempre assim, cá na nossa Terra ...

Vau, 8 de Setembro de 2008